

AREA TEMÁTICA: PSICOLOGÍA Y ERGONOMÍA

P3-C03

“USOS DEL YO ASOCIADOS AL ACTUAR EN COMPETENCIA: APORTES CRUZADOS ENTRE LA TRADICIÓN CIENTÍFICA DE LA ERGONOMÍA DE LA ACTIVIDAD Y PSICOLOGÍA DEL TRABAJO, Y EL ENFOQUE ERGOLÓGICO”

AUTORES: PhD. Liliana Cunha¹

1. Centro de Psicología da Universidade do Porto, Portugal

Correspondencia: lcunha@fpce.up.pt

Palabras claves: Ergonomía de la actividad, Psicología, Ergología

1.- La herencia de la ergonomía de la actividad es intrínseca a la tradición científica de la psicología del trabajo a la que pertenecemos (Lacomblez, et al., 2007), pero también a la gestión epistemológica de la ergología (Schwartz, 1996; 1997a; 2000) - el énfasis en la obra real, en el diálogo con sus protagonistas, y en las reservas de alternativas que visibilizan, son puntos de partida y convergencia en los análisis realizados. Es también de este legado que se destacaron algunas de las contribuciones del proyecto de ergología que aquí movilizamos.

Nuestra reflexión se basa en un estudio de caso, actualmente en curso, en el sector del corcho en Portugal, integrado en un "distrito industrial" situado en el norte del país, en un momento en que la automatización de algunas tareas suscita debate en torno al conocimiento de referencia y las reservas de alternativas construidas en la actividad por los trabajadores. El objetivo es conocer cómo, en el contexto de estos procesos de transformación industrial, la experiencia laboral es una dimensión estructurante para la intervención y desarrollo de los procesos de automatización. La afirmación de partida es que es a través del anclaje en el que situaciones concretas de trabajo revelan que se pueden legitimar lineamientos estratégicos de desarrollo.

2.- La automatización, de hecho, no se produjo de forma neutra en relación con lo que revelan las actividades concretas del trabajo. Por ejemplo, en el caso de la actividad de los "broquistas" (*De manera sintética, los broquistas perforan las*

huellas de corcho con miras a su mejor aprovechamiento, es decir, tratando de extraer corchos de la mejor clase posible, siendo reconocido que una misma huella puede permitir tapones de diferentes clases, dependiendo del acto técnico de cada broquista), el conocimiento invertido en la actividad contribuyó a que la actividad no se desvitalizara por la automatización, pero en el caso de la actividad de los recolectores (*Los recolectores seleccionan los tapones de corcho natural en un rango de calidad que va desde las calidades más altas ("flor", "extra" y "superior") hasta las calidades más bajas (de "primera" a "sexta"). La elección se hace a medida que los tapones pasan a través de una estera en movimiento, en función de la apariencia visual de los tapones (p. ej., nivel de porosidad) y la presencia de defectos (p. ej., grietas, pequeños agujeros o exceso de humedad en los tapones, por nombrar algunos). solo algunos de los defectos), sino también en función de los criterios de calidad de cada cliente*), la automatización introducida en el proceso de selección del corcho tampoco hizo la elección prescindible manual. Con las máquinas automatizadas, el proceso de selección ahora se considera más rápido, sin embargo, estas máquinas no pueden identificar algunos tipos de defectos presentes en los tapones.

3.- Salvaguardando la historia y singularidad de cada una de estas actividades, las observaciones y entrevistas realizadas a broquistas y selectores muestran cómo el actuar en competencia remite siempre a la actividad de un *cuero-mismo*, a

competencias incorporadas (Schwartz, 2021), que traducen una sabiduría del cuerpo que reúne todas sus dimensiones: la biológica, la sensorial, la psíquica, la cultural y la histórica. Es decir que este actuar en competencia tiene siempre una dimensión de historicidad, no tiene autonomía en relación con el entorno que le da sentido, ni en relación con el cuerpo que le da forma (Nouroudine, 2001), es decir, no tiene ni simpatiza con una actitud de extraterritorialidad (Schwartz, 1996).

Teniendo como referencia los "ingredientes de la competencia", tal como los conceptualiza el enfoque ergológico (Schwartz, 1997b), buscaremos hacer, no la descomposición de estos saberes invertidos en la actividad, sino aprehenderlos como síntesis - de los dialécticos con las transformaciones que atraviesa el sector, en el territorio en el que se inserta, y en estrecho diálogo con el referente teórico-metodológico de la ergonomía de la actividad

REFERENCIAS

Lacomblez, M., Bellemare, M., Chatigny, C., Delgoulet, C., Re, A., Trudel, L., & Vasconcelos, R. (2007). Ergonomic analysis of work activity and training: basic paradigm, evolutions and challenges. In R. Pikaar, E. Koningsveld, & P. Settels (Eds.), *Meeting Diversity in Ergonomics* (pp. 129–142). Boston: Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-008045373-6/50009-X>

Nouroudine, A. (2001). *Techniques et cultures. Comment s'approprié-t-on des technologies transférées?* Toulouse: Octarès.

Schwartz, Y. (1996). Ergonomie, philosophie et extraterritorialité. In F. Daniellou, *L'ergonomie en quête de ses principes, débats épistémologiques* (pp.141-182). Toulouse : Octarès Editions.

Schwartz, Y. (1997a) (Dir.). *Reconnaissances du travail. Pour une approche ergologique.* Paris : PUF.

Schwartz, Y. (1997b). Les ingrédients de la compétence : un exercice nécessaire pour une

question insoluble. *Éducation Permanente*, 133, 9-34

Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe.* Toulouse: Octarès.

Schwartz, Y. (2021). *Travail, ergologie et politique.* Paris: La Dispute.

(**VERSIÓN ORIGINAL/ VERSÃO ORIGINAL**)

AREA TEMÁTICA: PSICOLOGÍA Y ERGONOMÍA

P3-C03

"USOS DE SI ASSOCIADOS AO AGIR EM COMPETÊNCIA: CONTRIBUTOS CRUZADOS ENTRE A TRADIÇÃO CIENTÍFICA DA ERGONOMIA DA ATIVIDADE E DA PSICOLOGIA DO TRABALHO, E A ABORDAGEM ERGOLÓGICA"

AUTOR: PhD. Liliana Cunha¹

1. Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Portugal

Correspondência: lcunha@fpce.up.pt

Palavras-chave: Ergonomia da atividade, Psicologia, Ergologia

1.- 1. O património da ergonomia da atividade é intrínseco à tradição científica da psicologia do trabalho em que nos inscrevemos (Lacomblez, et al., 2007), mas também à démarche epistemológica da ergologia (Schwartz, 1996; 1997a; 2000) - a ênfase no trabalho real, no diálogo com os/as seus/as protagonistas, e nas reservas de alternativas que tornam visíveis, são pontos de partida e de convergência nas análises prosseguidas. É também a partir deste legado que se singularizaram alguns dos contributos do projeto da ergologia, que aqui mobilizamos.

A nossa reflexão é consubstanciada a partir de um estudo de caso, atualmente em curso, no setor da cortiça em Portugal, integrado num "distrito industrial" situado no norte do país, num momento em que a automatização de algumas tarefas faz debate relativamente aos saberes de referência e às reservas de alternativas construídas na atividade pelos/as trabalhadores/as. O objetivo consiste em saber como, no quadro destes processos de transformação industrial, a experiência de trabalho é uma dimensão estruturante para a intervenção e desenvolvimento dos processos de automatização. A asserção de partida é a de que é pela ancoragem no que as situações concretas de trabalho revelam que as orientações estratégicas de desenvolvimento podem ser legitimadas.

2.- A automatização não aconteceu, de facto, de forma neutra face ao que revelam as atividades concretas de trabalho. Por exemplo, no caso da

atividade dos broquistas, os saberes investidos na atividade contribuíram para que a atividade não fosse desvitalizada pela automatização, mas no caso da atividade das escolhedoras, a automatização introduzida no processo de seleção das rolhas, também não tornou dispensável a escolha manual. Com as máquinas automatizadas, o processo de escolha é agora tido como mais rápido, contudo, estas máquinas não são capazes de identificar alguns tipos de defeitos presentes nas rolhas.

3.- Salvaguardada a história e a singularidade de cada uma destas atividades, as observações e entrevistas conduzidas com broquistas e escolhedoras mostram como o agir em competência reenvia sempre à atividade de um corpo-si, a competências incorporadas (Schwartz, 2021), que traduzem uma sabedoria do corpo que faz confluir todas as suas dimensões: o biológico, o sensorial, o psíquico, o cultural e o histórico. Significa dizer que este agir em competência comporta sempre uma dimensão de historicidade, não tem autonomia face ao meio que lhe confere sentido, nem face ao corpo que lhe dá forma (Nouroudine, 2001), isto é, não se compadece com uma postura de exterritorialidade (Schwartz, 1996).

Tendo como referência os "ingredientes da competência", como concetualizados pela abordagem ergológica (Schwartz, 1997b), procuraremos fazer, não a decomposição destes

saberes investidos na atividade, mas apreendê-los enquanto síntese - da dialética com as transformações que atravessam o setor, no território em que se encontra encastrado, e em estreito diálogo com o referencial teórico-metodológico da ergonomia da atividade.

NOTAS:

1.- De forma sintética, os broquistas furam os traços de cortiça tendo em vista o seu melhor aproveitamento, i.e., procurando tirar rolhas da melhor classe possível, sendo reconhecido que o mesmo traço pode permitir rolhas de classes diferentes, em função do ato técnico de cada broquista.

2.- As escolhedoras fazem a seleção de rolhas de cortiça natural numa gama de qualidade que vai desde as qualidades mais elevadas ("flor", "extra" e "superior") até às qualidades mais baixas (da "primeira" até à "sexta"). A escolha é feita à medida que as rolhas passam num tapete em movimento, com base na aparência visual das rolhas (e.g., nível de porosidade) e segundo a presença de defeitos (e.g., fendas, pequenos buracos, ou excesso de humidade nas rolhas, para nomear apenas alguns dos defeitos), mas também em função dos critérios de qualidade de cada cliente.

REFERÊNCIAS

- Lacomblez, M., Bellemare, M., Chatigny, C., Delgoulet, C., Re, A., Trudel, L., & Vasconcelos, R. (2007). Ergonomic analysis of work activity and training: basic paradigm, evolutions and challenges. In R. Pikaar, E. Koningsveld, & P. Settels (Eds.), *Meeting Diversity in Ergonomics* (pp. 129–142). Boston: Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-008045373-6/50009-X>
- Nourouline, A. (2001). *Techniques et cultures. Comment s'approprié-t-on des technologies transférées?* Toulouse: Octarès.
- Schwartz, Y. (1996). Ergonomie, philosophie et exterritorialité. In F. Daniellou, *L'ergonomie en quête de ses principes, débats épistémologiques* (pp.141-182). Toulouse : Octarès Editions.
- Schwartz, Y. (1997a) (Dir.). *Reconnaissances du travail. Pour une approche ergologique*. Paris : PUF.
- Schwartz, Y. (1997b). Les ingrédients de la compétence : un exercice nécessaire pour une question insoluble. *Éducation Permanente*, 133, 9-34
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octarès.
- Schwartz, Y. (2021). *Travail, ergologie et politique*. Paris: La Dispute.